



A ENTREVISTA COMO INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM TEMPOS DE PANDEMIA

Edwirgem Quezia Vargas da Silva¹

Felipe da Costa Negrão²

RESUMO

A pandemia da COVID-19 trouxe inúmeras mudanças na sociedade. No âmbito educacional, ocasionou na paralisação das atividades presenciais, exigindo a adoção do ensino remoto emergencial (ERE). Com esse novo jeito de fazer educação, muitos professores buscaram traçar estratégias didático-pedagógicas diferenciadas a fim de assegurar o rendimento de suas turmas. Em se tratando de avaliação, este relato de experiência evidencia o instrumento “entrevista” enquanto parte da proposta avaliativa das disciplinas Didática e Fundamentos da Educação Infantil, componentes obrigatórios na matriz curricular do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), e ofertadas em período remoto no ano de 2021. Os resultados da experiência de entrevistar pessoas para compor sínteses e relatórios avaliativos das disciplinas supracitadas demonstram que a entrevista adotada no período remoto é uma rica possibilidade de ampliação dos conhecimentos debatidos em aulas síncronas e assíncronas, permitindo o desenvolvimento de habilidades de comunicação e síntese, por parte dos acadêmicos. Sendo assim, o relato defende que a entrevista seja um instrumento de avaliação cada vez mais presente nos cursos de formação de professores, visto que produz inúmeras aprendizagens para além do conteúdo apreendido nas disciplinas.

Palavras-chave: Avaliação da Aprendizagem, Formação Inicial, Entrevista.

INTRODUÇÃO

Entrevistar alguém sobre determinado assunto é uma prática bem comum na televisão e no universo jornalístico, ou ainda, no universo científico, de modo que conhecemos alguns modos de buscar dados de alguém, seja por meios estruturados, semiestruturados ou não estruturados. Entrevistar, portanto, é colher dados, tratá-las e transformá-las em informações que serão utilizadas para fins de divulgação.

Nesse cenário de entrevistas enquanto busca de dados e informações, ancoramos nosso relato de experiência a partir da concepção de entrevista como instrumento de avaliação das disciplinas Didática e Fundamentos da Educação Infantil, obrigatórias na matriz curricular do

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, E-mail: edwirgemvargas@gmail.com

² Professor do Departamento de Métodos e Técnicas da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas - UFAM. E-mail: felipenegrao@ufam.edu.br



curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), e ofertadas em período remoto, em detrimento da pandemia do coronavírus (SARS-CoV-2).

A pandemia da COVID-19 interferiu diretamente nas esferas públicas, em especial, na educação que se viu na obrigação de ofertar um ensino remoto emergencial (ERE), a fim de continuar com as atividades educacionais/acadêmicas, exigindo uma ressignificação nas práticas pedagógicas dos professores e da própria comunidade escolar/acadêmica (NEGRÃO; MORHY, 2020).

O ERE caracteriza-se por um conjunto de:

[...] atividades mediadas por plataformas digitais assíncronas e síncronas, com encontros frequentes durante a semana, seguindo o cronograma das atividades presenciais realizadas antes do distanciamento imposto pela pandemia (ALVES, 2020, p.358).

Em períodos “normais”, docentes e discentes estariam nas salas de aula da universidade, realizando diversas outras atividades práticas, tais como: seminários integradores, visitas às escolas, desenvolvimento de materiais pedagógicos. Entretanto, com o novo cenário de educação por meio das tecnologias digitais, as docentes dessas disciplinas apresentaram a entrevista como possibilidade de avaliação. Por isso, este relato objetiva descrever a experiência com o uso da entrevista enquanto instrumento de avaliação em curso de formação de professores.

Mas, antes de iniciarmos a apresentação das entrevistas, alguns conceitos precisam ser pensados como o de avaliação, e principalmente sobre o que é uma entrevista, já que esta é muito mais vinculada aos jornais e meios de comunicação para a maioria das pessoas, e no âmbito educacional, está atrelada a pesquisa ou uma avaliação diagnóstica.

Por avaliar, compreendemos que a “avaliação deve servir para repensar/replanejar a prática pedagógica, contribuindo com ações que possam aprimorar e apresentar melhores condições ao ensino-aprendizagem dos alunos” (SANTOS, 2017, p. 61). Além disso, por meio da avaliação é possível compreendermos o processo de aprendizagem dos alunos, bem como o processo de ensinagem dos professores – um movimento de ir e vir – apresentando um feedback e/ou panorama completo do cenário da sala de aula.

Sendo assim, quando um docente envia uma atividade/avaliação, também está em busca de aperfeiçoar as suas práticas, de saber o que funciona e o que não funciona no universo acadêmico, e isso foi visto nas atividades das disciplinas supracitadas, de modo que O ato de avaliar exige a problematização sobre o saber adquirido, reforçando que o estudante

seja capaz de propor novas conexões entre o conteúdo e a realidade socioeducacional em que está inserido (RAYS, 1996).

Dito isso, de que modo que a entrevista se apresenta enquanto instrumento avaliativo? Mas, o que seria uma entrevista? Um momento planejado, definido, com perguntas e respostas diretas? neutro, sem interferências? ou, algo mais aberto livre, deixando o entrevistado falar o que quiser? Tais questões serão respondidas a partir dos estudos de Miguel (2012), Minayo e Costa (2018) e Paula (2021).

De acordo com Miguel (2012, p. 12):

A entrevista, nas suas diversas aplicações, é uma técnica de interação social, interpenetração informativa, capaz de quebrar isolamentos grupais, individuais e sociais, podendo também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em seus mais diversos usos das Ciências Humanas, constitui-se sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano.

Minayo e Costa (2018, p. 141) corrobora ao dizer que:

A entrevista, tomada no sentido amplo de comunicação verbal e no sentido estrito de construção de conhecimento sobre determinado objeto, é a técnica mais utilizada no processo de trabalho qualitativo empírico. Constitui-se como uma conversa a dois ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa de um entrevistador e destinada a construir informações pertinentes a determinado objeto de investigação.

Para estes autores, a entrevista pode ser categorizada em três tipos, a saber:

(a) levantamento de opinião, quando é mediada por um questionário totalmente estruturado, no qual a escolha dos interlocutores está condicionada às respostas a perguntas formuladas pelo investigador; (b) entrevista semiestruturada, que combina um roteiro com questões previamente formuladas e outras abertas, permitindo ao entrevistador um controle maior sobre o que pretende saber sobre o campo e, ao mesmo tempo, dar espaço a uma reflexão livre e espontânea do entrevistado sobre os tópicos assinalados (...); (c) Entrevista aberta ou em profundidade, que consiste numa interlocução livre, balizada pelos parâmetros do objeto de estudo. (MINAYO; COSTA, 2018, p.142).

E por fim, Lombardi, Ávila e Paula (2021, p. 17), reforçam que “tradicionalmente, nas Ciências Sociais, costuma-se definir entrevista como uma situação em que pesquisador e entrevistado se interrelacionam com o propósito de, respectivamente, coletar e fornecer informações sobre as mais variadas temáticas”.

As autoras também agrupam a entrevista em três categorias, a saber:

As entrevistas abertas permitem a mais livre expressão dos sujeitos; quando há a presença de um roteiro, a entrevista é conhecida como entrevista com roteiro semiestruturado ou **entrevista semiestruturada**, a condução é feita mediante um formulário com perguntas, usualmente abertas, ou um roteiro que oriente as perguntas que o pesquisador fará ao entrevistado durante a conversa face a face.; [...] **entrevistas estruturadas** são as conduzidas mediante um formulário de questões fechadas com alternativas de respostas predeterminadas e pré decodificadas, que

também podem conter questões abertas [...] (LOMBARDI; ÁVILA; PAULA, 2021, p. 17 – grifo nosso).

Sendo assim, a entrevista é vista como um instrumento útil, seja para as ciências humanas ou ciências sociais, também visto como uma forma de se entender mais sobre um determinado objeto. Em nosso relato de experiência, tal objeto reside no trabalho do professor em tempos de pandemia e as diferenças entre as diversas infâncias, promovendo uma oportunidade de troca de experiências e de reflexão.

METODOLOGIA

Este artigo corresponde a um relato de experiência, tendo em vista que narra a experiência de entrevistar pessoas a partir de um instrumento de avaliação das disciplinas de Didática e Fundamentos da Educação Infantil do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), ofertadas em período remoto, em detrimento da pandemia do coronavírus (SARS-CoV-2).

A organização do relato de experiência configura-se na lógica da pesquisa descritiva, amplamente utilizada em estudos na área da educação (GIL, 2002) e que permitem o exercício reflexivo da ação vivida, gerando conhecimentos importantes para a comunidade científica (FONSECA, 2010).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No início do 3º período do curso de Pedagogia da UFAM, logo após as semanas de apresentação dos planos de ensino, percebemos a presença de um instrumento pouco utilizado no curso – a entrevista. Num momento inicial, as primeiras perguntas que surgiram entre nós – estudantes – foram: como realizar uma entrevista em meio a uma pandemia com um idoso de 60 anos, considerado do grupo de risco da COVID-19? Enquanto na segunda disciplina, tínhamos que buscar uma profissional que em meio a todo esse caos, estava lidando com todas as suas responsabilidades como professora, trabalhando em casa e em dobro. Diante desse cenário, não poderíamos ir até a casa dessas pessoas por conta da pandemia, além do receio da conexão tornar-se instável, impossibilitando o diálogo.

A primeira entrevista foi realizada através de uma atividade da disciplina de Didática com objetivo de compreender a realidade dos educadores nesse período de pandemia e até mesmo antes dele. Para isso, contamos com a participação de uma professora que reside na



cidade de Santarém (PA), graduada em Pedagogia e atuante em um CMEI de tempo integral. Destacamos que esse foi o grande diferencial desse trabalho, uma vez que se não fosse o período de pandemia, não existiria ou seria bem baixa a possibilidade de manter esse tipo de contato com docentes de outro estado.

Em síntese, na entrevista foi possível compreender a experiência da professora na Educação Básica, de modo que esta enfatizou que ser professor não é uma profissão fácil, devendo-nos estar em constante adaptação, e principalmente assumindo uma postura investigativa. Por intermédio dessa avaliação com entrevista, foi possível identificar as estratégias adotadas pelos professores para lidar com as redes sociais, meios de comunicação com pais e responsáveis, e ainda o processo árduo de planejamento e replanejamento frente ao ensino remoto. As falas da professora nos remetiam ao exercício reflexivo acerca das desigualdades sociais que foram descortinadas ao longo desse período pandêmico (NEGRÃO; MORHY, 2020), reiterando que a principal habilidade do professor nesse momento difícil, sem dúvidas, foi a capacidade de ser resiliente.

Nessa entrevista, os desafios foram a conexão que oscilava em alguns momentos, além do nervosismo natural de conduzir uma entrevista com alguém desconhecido, de modo que tal atividade nos permite o treino da comunicação, desenvolvendo nossa oralidade e pensamento lógico frente ao roteiro pré-elaborado para a entrevista.

A segunda entrevista esteve vinculada à disciplina de Fundamentos da Educação Infantil, com objetivo de refletir sobre três fases distintas do entrevistado (idoso com mais de 60 anos), infância, período escolar e senescência, pensando nos aspectos que se diferenciam e se assemelham. Para essa atividade, contamos com um entrevistado familiar, sendo uma atividade considerada muito rica por nos propiciar o entendimento acerca dos motivos que levaram este senhor a não concluir os estudos, permitindo que nós, enquanto estudantes, reconheçamos os diferentes entraves que justificam a evasão escolar, que no caso do entrevistado, os motivos estiveram vinculados a questões financeiras e à necessidade de trabalhar para custear a própria sobrevivência. Atualmente, isso também acontece, entretanto existem programas de aprendizagem que visam minimizar o quantitativo de adultos nessas condições.

Na trajetória narrada pelo entrevistado, percebemos os diferentes conceitos de infância, inclusive trabalhados ao longo da disciplina, nos remetendo a compreensão da sociedade de tempos atrás. Além disso, identificamos o cenário escolar da época, listado pelo entrevistado como um espaço de aprendizagem, mas com muitos indicadores de ensino

tradicional, em destaque para o ensino da matemática, reportado pelo idoso, como uma aula de muitos traumas em relação a tabuada.

Nesta entrevista, o principal desafio era a aceitação do idoso em participar de nossa avaliação, entendendo que todas as perguntas faziam parte de um roteiro, e que haveria respeito à forma de comunicação, ignorando pronúncias erradas na fala e assegurando a assertividade na hora de prover os questionamentos, evitando barreiras na comunicação, mal estar, dentre outros.

A docente do primeiro trabalho também solicitou a entrega de um relatório com a entrevista transcrita, de modo a ter uma devolutiva da turma, visto que “também testes, provas e **relatórios** poderão servir de instrumentos de avaliação formativa, no entanto, a devolutiva deles deve favorecer aos alunos para a retomada dos seus desafios de aprendizagem” (SANTOS, 2017, p.67 – grifo nosso). Assim, através do relatório, a professora pôde enviar comentários e observações aos alunos, apontando erros, dando orientações de como consertá-los e ainda os acertos do trabalho, o que contribuirá para a realização de trabalhos semelhantes nos próximos períodos.

Para o segundo trabalho foi solicitado uma síntese-reflexiva sobre os dados coletados na entrevista, somando com as infâncias dos discentes e prospectando em seus futuros alunos, indagando-os acerca de como a infância pode afetar na educação. As inferências dessa entrevista foram discutidas em aula síncrona, de modo que foi percebido o quão pode ser difícil o que nos aguarda na prática.

Ao analisar as entrevistas, percebemos que a entrevista semiestruturada foi utilizada em ambas as atividades, uma vez que foi utilizado um roteiro, mas que ainda sim, pudemos evidenciar a expressão dos entrevistados, que nos contaram coisas para além do que as perguntas pedidas, visto que “uma entrevista é literalmente uma “entre - vista”, uma troca de pontos de vista entre duas pessoas, neste caso, o entrevistador e o entrevistado, que conversam sobre um tema de mútuo interesse” (RESTE, 2015, p. 227).

Assim, compreendemos que organizar uma entrevista não é apenas criar um roteiro e perguntar ao entrevistado, pelo contrário, desde a escolha do entrevistado, dia e hora devem ser pensados com atenção, a forma de como a pergunta será feita, pois no momento atual, uma indagação pode gerar várias reflexões ou despertar lembranças. Portanto, é necessário ter empatia, atenção, cuidado, e saber como lidar com as pessoas. Sem dúvidas, foi uma experiência muito rica já que o trabalho de pedagogo não é apenas lidar com planejamentos, provas e documentos, mas também com pessoas e nas mais diversas situações, de modo que



as avaliações diagnósticas também devem ser bem pensadas e planejadas, assim quanto uma boa entrevista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dialogar com outras pessoas por meio de entrevistas é um desafio, tendo em vista que requer o alinhamento de ideias, além de exigir que entrevistado e entrevistador estejam em sintonia de tempo e espaço a fim de otimizar o processo de perguntas e respostas. Pensar na utilização de entrevistas enquanto instrumento de avaliação em cursos superior é um excelente meio para superar práticas obsoletas de mensuração da aprendizagem.

Em nosso relato de experiência, asseguramos que a entrevista adotada no período remoto demonstrou ser uma rica possibilidade de ampliação dos conhecimentos debatidos em aulas síncronas e assíncronas, nos permitindo o desenvolvimento de novas habilidades de comunicação e síntese. Sendo assim, defendemos que seja um instrumento de avaliação cada vez mais adotado nos cursos de formação de professores, posto que produz inúmeras aprendizagens para além do conteúdo apreendido nas disciplinas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, L. Educação Remota: entre a ilusão e a realidade. **Interfaces científicas**. v.8, n.3, p. 348 – 365, 2020.
- FONSECA, L. A. M. **Metodologia científica ao alcance de todos**. Manaus: Editora Valer, 2010.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- LOMBARDI, M. R.; ÁVILA, M. A.; PAULA, M. A. B. de. **O prazer da entrevista em pesquisas qualitativas**. Curitiba : CRV, 2021.
- MINAYO, M. C. de S.; COSTA, A. P. Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. **Revista Lusófona de Educação**, v. 40, p. 130-153, 2018.
- MIGUEL, F. V. C. A entrevista como instrumento para investigação em pesquisas qualitativas no campo da linguística aplicada. **Revista Odisseia**, v. 5, n. 2, jul. 2012.
- NEGRÃO, F. C.; MORHY, P. E. D. O cenário da educação pública no Amazonas em tempos de pandemia. In: MARTINS, G. **Estratégias e Práticas para Atividades a Distância**. Quirinópolis, GO: Editora IGM, 2020.



VIII ENALIC

EDUCAÇÃO DIGITAL

VIII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS

VII SEMINÁRIO DO PIBID

II SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

7 A 11 DE NOVEMBRO DE 2021

ISSN: 2526-3234

RAYS, O. A. Planejamento da ação pedagógica. **Revista Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, v. 3, n.1, 1996.

RESTE, C. D. O potencial da entrevista em contexto educativo: uma experiência investigativa. **Educação em Revista [online]**. v. 31, n. 4, 2015.

SANTOS, P. K. dos. **Avaliação da aprendizagem**. Porto Alegre: SAGAH, 2017.